

Seria cômico se não fosse trágico? A polêmica da charge cancelada de Jean Galvão sobre as enchentes no Rio Grande do Sul

Would it be funny if it wasn't tragic? The controversy of Jean Galvão's canceled cartoon about the floods in Rio Grande do Sul

Aline Milena Borges da Silva Dias¹
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
aline.borgessilva@ufpe.br

RESUMO: Este estudo objetiva compreender que elementos constituintes da charge de Jean Galvão operaram, na recepção da charge, a formação do sentido de humor no quadro espacial-temporal da tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul e, dessa forma, levaram o trágico a ser lido como cômico na obra. A pesquisa inscreve-se na Análise Dialógica do Discurso, fundamentando-se principalmente em referências como Bakhtin (1997, 2002, 2010), Volóchinov (2021), Morson e Emerson (2008), Sobral (2009), Cardoso (2013), Queiroz (2017) e Gonçalves (2017). Para tanto, segue a abordagem de pesquisa qualitativa, do tipo descritiva. A análise demonstrou que o sentido negativo do humor foi formado pela dissociação, na constituição dos sentidos efetuada durante a leitura, dos planos verbal e visual, diante de um enunciado essencialmente verbo-visual. Ao mesmo tempo, verificou-se que, apesar da recepção negativa da produção, a charge atingiu o seu propósito de provocar a reflexão pública, ainda que tenha sido necessária a sua explicação por parte do próprio produtor.

Palavras-chave: Charge cancelada; Jean Galvão; Enchentes no Rio Grande do Sul.

ABSTRACT: This study aims to understand that the elements of the charge of Jean Galvão operated, in the reception of the charge, the formation of the sense of humor in the spatial-temporal framework of the tragedy of the floods in Rio Grande do Sul and, In this way, they led the tragic to be read as comic work. The research is based on the Dialogic Analysis of Discourse, mainly based on references such as Bakhtin (1997, 2002, 2010), Volóchinov (2021), Morson; Emerson (2008), Sobral (2009), Cardoso (2013), Queiroz (2017) and Gonçalves (2017). For this, follows the qualitative research approach, of the descriptive type. The analysis showed that the negative sense of humor was formed by disassociation, in the constitution of the senses made during reading, of the verbal and visual planes, before an essentially verb-visual statement. At the same time, it was found that despite the negative reception of the production, the charge achieved its purpose to provoke public reflection, although for the proper understanding of the enunciative project of the producer, it was necessary its explanation by the producer himself.

Keywords: Charge canceled; Jean Galvão; Floods in Rio Grande do Sul.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisadora da Rede de Estudos Dialógicos (RED) da mesma instituição.

Uma charge com efeito colateral: a emergência de um sentido não autorizado

Segundo Morson e Emerson (2008, p. 186), “de momento em momento, nossas ações são importantes e têm valor moral”. Com base na filosofia bakhtiniana do ato responsável, sabe-se que moralidade não assume aqui o sentido de aplicação de regras universais, mas sim de trabalho permanentemente atualizado de julgamento do sujeito sobre a realidade, o qual “envolve necessariamente um risco, uma atenção especial às particularidades da situação e um envolvimento especial com outras pessoas, únicas num dado momento das nossas vidas” (Morson; Emerson, 2008, p. 44).

Sob tal perspectiva, não há como tratar da responsabilidade sem focar a responsividade, visto que responsabilizar-se envolve necessariamente realizar a diferença, a singularidade e a não coincidência *frente a* outros sujeitos e, ao mesmo tempo, provocá-los a exercer a sua própria responsabilidade nessa relação. Em razão disso, e do princípio dialógico de que todo enunciado se constrói em direção a uma resposta (Bakhtin, 1997), podemos perceber que a criação de uma obra põe em causa não apenas a visão de seu autor, mas também a apreciação de outrem para a qual ela está voltada, mesmo no caso daquelas que nunca saíram da gaveta (Queiroz, 2020). Trata-se de um processo de mão dupla, já que a instância da produção “é influenciada em sua nascente pelas condições de circulação e de recepção, e também influencia essas condições” (Sobral, 2009, p. 49).

Um exemplo do exposto que ganhou intensa repercussão foi a publicação de uma charge de Jean Galvão pelo jornal *Folha de São Paulo* em suas redes sociais, no dia 5 de maio de 2024. Nesse caso, vê-se como o projeto enunciativo do autor não se concretizou como o esperado ao defrontar-se, como colocado acima, com as particularidades da situação e com os interlocutores. Retratando a cena de uma família ilhada no telhado de uma casa, a charge trata do tema das enchentes ocorridas à época no Rio Grande do Sul. Na obra, a família é composta por um homem, uma mulher e duas crianças, que estão sentadas juntas e abraçam os seus joelhos. Há apenas um único balão de fala na charge. Uma das crianças pede à outra: “Não chora, vai alagar ainda mais...”

O evento tematizado na produção gerou ampla comoção nacional e mobilização de diversos setores sociais em prol da ajuda humanitária. Pelas proporções que o incidente climático tomou e as consequências por ele geradas – segundo dados do governo do Rio Grande do Sul atualizados até 8 de julho de 2024, 5.446 famílias desabrigadas –, as mídias naturalmente traziam notícias, reportagens, depoimentos e imagens que alimentavam o clima de consternação que tomou conta do Brasil desde o final de abril até meados de maio.

A justificada sensibilidade coletiva para a crise tão séria deflagrada nesse estado brasileiro somada a uma incompreensão sobre a intenção do artista Jean Galvão ao representar a tragédia montou o cenário ideal para uma resposta negativa imediata à charge. Influenciadores digitais, figuras políticas e internautas em geral reagiram ostensivamente à publicação², que, na plataforma *Instagram*, chegou a mais de 100 mil comentários. Os comentadores responsabilizavam não apenas o artista, mas também o jornal por debochar da situação das famílias em situação de calamidade no Rio Grande do Sul, por enxergarem, no diálogo da cena da charge, a intenção de gerar o humor sobre a dor das vítimas.

A oposição ao conteúdo compartilhado pela *Folha de São Paulo* foi tão enérgica que, já no dia seguinte, o autor da charge usou as redes sociais para se pronunciar sobre a polêmica e explicitar os seus propósitos com a criação da obra. Jean Galvão pediu desculpas às pessoas que se sentiram ofendidas pela charge e explicou, antes do enunciado censurado em si, a função do gênero charge. O artista reconheceu que houve algum grau de falha na execução do seu desenho, uma vez que a produção não gerou o efeito pretendido. Segundo ele, apesar de, na maioria das vezes, a charge usar o humor para produzir a reflexão, isso não é uma regra. Nessa direção, acrescentou que a charge publicada pela *Folha* tem exatamente uma proposta contrária à que foi relacionada – é séria e triste –, provando isso com uma breve análise dos elementos de sua composição.

Apesar dos esclarecimentos de Jean Galvão, ainda houve seguidores que continuaram a ver a charge como um comentário cruel (porque cômico), e não empático (como intentado pelo autor) aos impactos das chuvas no Rio Grande do Sul. Devido à continuidade da divergência nas formas de compreensão desse enunciado e ao fato de ele não ter sido retirado das redes, nem da página profissional de Jean Galvão nem do jornal *Folha de São Paulo*, escolheu-se, a partir da ótica da Análise Dialógica do Discurso (ADD), abordá-lo como objeto de estudo. Acredita-se que o estudo da constituição controversa da charge de Jean Galvão pode trazer uma contribuição não apenas às pesquisas relativas a esse tipo de enunciado, mas também a outros, por demonstrar como o querer-dizer do autor no processo de criação de sua obra pode ser ou não bem realizado a depender, sobretudo, da escolha do gênero – determinada, dentre outras questões, em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido) e do conjunto constituído dos parceiros (Bakhtin, 1997).

² Disponível em: <https://www.instagram.com/folhadespaulo/p/C6mqQizMWcQ/>

O objetivo geral da pesquisa é compreender que elementos constituintes da charge de Jean Galvão operaram, na recepção da charge, a formação do sentido de humor no quadro espacial-temporal da tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul e, dessa forma, levaram o trágico a ser lido como cômico obra. Assim, são objetivos específicos: i) apontar os modos de inter-relação de sentido entre os planos verbal e visual na charge de Jean Galvão; ii) examinar a função social do gênero charge no contexto de uma crise ambiental-humanitária.

Para atender a esses fins, o trabalho está organizado em 4 seções, além desta primeira. Logo a seguir, há a seção de fundamentação teórica, em que são discutidos conceitos pertinentes à investigação da charge em apreço. Adiante, na seção de procedimentos metodológicos, são explicadas a natureza e as etapas da pesquisa, com o fim de situar o leitor sobre as decisões referentes ao tratamento analítico do objeto de estudo. Na sequência, encontra-se a seção de discussão dos resultados, onde a charge de Jean Galvão é descrita, analisada e interpretada, à vista dos objetivos de pesquisa delineados. À guisa de fechamento, o trabalho traz uma seção de considerações finais, na qual estão elencados os principais achados do estudo e esboçados alguns encaminhamentos possíveis para futuras pesquisas na área da ADD. Por fim, são apresentadas as referências.

A charge e o humor

Segundo Gonçalves (2017, p. 148), motivada por fatos sociais, a charge mobiliza parte de signos ideológicos em circulação no período de sua produção e os ressignifica, “isto é, atribui a eles significados outros quando os realoca no contexto de seu próprio discurso. Dessa maneira, elementos verbais e não verbais passam a ter uma valoração própria a partir do contexto da charge”. Por outro lado, “o leitor pode valorar os elementos da charge de maneira diferente daquela pensada pelo chargista, haja vista que sua leitura pode estar ancorada em fios discursivos diferentes daqueles selecionados pelo autor da charge”. De fato, os sujeitos interlocutores, mediante trajetórias alternativas de acesso à informação em rede, por estarem, como o autor, envolvidos na compreensão e conseqüentemente co-produção dos eventos da situação extraverbal retratados, recuperam sentidos provenientes de diferentes lugares sociais.

Nesse bojo, sabe-se que todo enunciado não apenas reporta mas também altera os sentidos das palavras alheias com que dialoga e que um gênero nascido em um dado campo de atividade humana pode vir a se propagar em um domínio diverso para atender a novas finalidades comunicativas. É o que ocorre com a charge, que, ao travar um diálogo com os

acontecimentos socialmente relevantes da atualidade, pode embeber-se de uma aura essencialmente cômica e, devido a isso, aparecer não apenas ligada a ambientes de informação – como páginas jornalísticas – mas também a espaços de entretenimento – como sites e comunidades on-lines voltadas ao humor. Por essas razões, ou, de acordo com Gonçalves (2017, p. 149), por poder integrar traços como a caricatura, a charge é popularmente compreendida como um discurso de humor. A autora aponta que até mesmo nos dicionários se acha essa valoração recorrente, logo fazendo a ressalva de que

Se pensarmos na charge de modo mais amplo, percebemos que ela é um gênero que pode ter como um efeito de sentido o humor, mas seu foco é outro. Dizer que a charge pode ter como resultado um efeito de sentido de humor é diferente de entender que o riso é a finalidade da charge. Sua função primeira é a crítica, arquitetada com o auxílio de diferentes efeitos de sentido – ironia, choque, espanto, denúncia – o humor é apenas um deles.

Dessa maneira, entende-se, juntamente à autora, que há uma potencialidade para o riso na charge, mas não uma obrigatoriedade, o que incorreria, de certo modo, em defender o sentido do enunciado como previamente acabado e não produzido nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis (Authier-Revuz, 2004).

Como discutido mais inicialmente, o ato responsável, correspondente à marcação de um lugar singular de um sujeito, à sua assinatura, “é também manifestação de alteridade, visto que se faz em confronto com os outros sujeitos” (Cardoso, 2013, p. 50). Enfocando-se a charge como exemplo desse ato, nota-se um discurso *tanto* constitutivamente polêmico *quanto* fundador da polêmica, ou melhor, um discurso constitutivamente polêmico *porque* sua compreensão é polêmica.

Com efeito, a resposta esperada e antecipada pelo discurso do autor interfere na produção da charge, enriquecendo-a de elementos novos. O leitor é também um coautor. Acerca disso, Bakhtin (2002) trata da dialogicidade interna do discurso em duas direções: a mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto e a orientação do discurso para uma resposta. No primeiro caso, o autor se refere ao fato de, na elaboração de um discurso, as palavras virem antes das coisas, impossibilitando que qualquer sujeito depois do Adão mítico esteja livre da influência dos dizeres alheios. Na segunda direção, tem-se em vista a ideia de que “a concepção dialógica da linguagem está no direcionamento para o outro; na condição de ser uma resposta e ser motivador de outras atitudes responsivas” (Saldão, 2017, p. 870). Logo, nesse segundo nível de dialogicidade, a arena de encontro com o discurso de outrem não é simplesmente o objeto, mas o círculo subjetivo do interlocutor: o autor constrói a sua

enunciação no território dele e sobre seu fundo aperceptivo. Em tal esteira, pode-se compreender que o discurso é *tanto* constitutivamente polêmico *quanto* fundador da polêmica, ou, de outro modo, que o discurso é constitutivamente polêmico *porque* sua compreensão é polêmica. Isso porque a resposta esperada e antecipada pelo discurso do autor interfere na sua produção, enriquecendo-a de elementos completamente novos (o ouvinte é também um coautor). Como consequência,

todo discurso é compreendido nos termos do diálogo *interno* que se instaura entre esse discurso e aquele próprio ao receptor; o interlocutor compreende o discurso através do seu próprio discurso. *Visando à compreensão de seu interlocutor*, o locutor *integra*, pois, na *produção* de seu discurso, uma *imagem* do ‘*outro discurso*’, aquele que ele empresta a seu interlocutor. É um *duplo dialogismo* – não por adição, mas em interdependência – que é colocado na palavra: a orientação dialógica de todo discurso entre ‘*os outros discursos*’ é ela mesma dialógicamente orientada, determinada por ‘*esse outro discurso*’ específico do receptor, tal como é imaginado pelo locutor, como condição de compreensão do primeiro (Authier-Revuz, 2004, p. 42, grifos da autora).

A relação entre o discurso e sua resposta ainda tem implicações para o estilo individual, já que esse estilo “compreende organicamente em si as indicações externas, a correlação de seus elementos próprios com aqueles do contexto de outrem” (Bakhtin, 2002, p. 92). O discurso não pertence nem só ao autor, nem só ao seu interlocutor, mas vive na fronteira entre as duas realidades, é interindividual (Volóchinov, 2021).

Com efeito, o autor da charge segue o princípio acima descrito na elaboração de sua obra, chamando antecipadamente à existência uma compreensão específica do interlocutor. Nesse contexto, o que conclui Gonçalves (2017) a respeito de uma charge sobre a tragédia do incêndio de uma casa noturna em Santa Maria (RS) ocorrido em 2013 pode ser aplicado à observação do trabalho do autor de uma charge cancelada. Acerca do exemplar em apreço, a autora comenta que o chargista dá corpo, no enunciado, à sua atitude responsiva ativa frente às vozes sociais que fazem circular comportamentos característicos de situações específicas. Assim, Gonçalves (2017) acrescenta que

essa condição é norteadada por valores fixados na sociedade e, conforme nota Volochínov (2011, p. 159), essas são enunciações subentendidas que não necessitam ser enunciadas porque surgem como uma valoração social intrínseca ao fenômeno que expressam. [...] Nessa perspectiva, em nossa sociedade, o fato da morte carrega consigo vozes de dor e sofrimento e as valorações que rodeiam esse fenômeno já estão presentes na cadeia discursiva. Elas organizam seus atos correspondentes. Assim, a charge dialoga com os discursos que têm como tema a tragédia de Santa Maria, mas também dialoga com tantos outros discursos que reverberam o tópico da

morte, da perda. Seu interlocutor, portanto, é tanto quem se sensibiliza com o ocorrido na cidade gaúcha quanto quem diretamente está relacionado às vítimas.

À vista disso, a estudiosa observa que a manutenção de uma associação da charge com o humor pode ter sido o motivo para a charge em questão não ter sido bem aceita, “já que se vivia uma situação de luto, em que, de acordo com a cultura em que estamos inseridos, não cabe o humor frente à morte” (Gonçalves, 2016, p. 151). Logicamente, não se pode, do mesmo modo, esperar que a perda dos bens, a insegurança e a luta pela vida de uma família atingida diretamente pelas enchentes retratadas na charge de Jean Galvão sejam atreladas ao efeito de sentido humorístico.

Verbo-visualidade: o tecido de linguagens

Brait (2009) concebe a noção de linguagem verbo-visual para se referir ao enunciado cujo projeto discursivo amalgama o verbal e o visual, elementos que, nesse contexto, possuem a mesma força e importância. Assim, o reconhecimento desse tipo de construção pode ser feito sempre quando se está diante de uma unidade indissolúvel em termos da realização de um querer-dizer. Desse modo, ainda que composicionalmente os elementos verbal e visual possam ser separados, semanticamente tal delimitação é impossível, pois as linguagens entram-se uma à outra, formando “um único enunciado, uma única enunciação” (Brait, 2009, p. 144).

Conforme Zilio e Angelo (2022, p. 5), “as dimensões extraverbal e verbo-visual, precisam ser tomadas na análise da charge, orientando os possíveis sentidos veiculados pelo enunciado para se compreender o ser expressivo e seu discurso”. Isso envolve, quanto à dimensão verbo-visual, empreender um estudo que procure “explicar o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada [...]” (Brait, 2013, p. 50).

De maneira mais recente, em diálogo com a proposta de Brait, Paula e Luciano (2020, p. 27) releem o conceito de verbivocovisualidade da poesia concreta e aplicam-no ao estudo do enunciado na ótica da ADD. Segundo os autores,

A verbivocovisualidade diz respeito ao trabalho, de forma integrada, com as dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) das palavras. [...] Essa concepção coloca

em jogo formas renovadas de experiência de linguagem e, tomada aqui por nós em sentido ampliado, alarga os parâmetros de discussão e análise discursiva, uma vez que nos fundamenta a refletir sobre enunciados compostos por materialidades sincréticas, sonoras ou visuais e ainda nos leva a refletir sobre a noção de diálogo, linguagem e enunciado proposta pelo Círculo.

Em relação à noção de verbo-visualidade criada por Brait (2009), o novo conceito propõe-se inovador por somar *nominalmente* a dimensão vocal/sonora às dimensões verbal e visual e por tecer, no tratamento dessas três formas de linguagem, uma distinção entre os termos “dimensão” e “materialidade”. Dessa maneira, recuperando as discussões do Círculo sobre o processo psíquico-material (interno-externo) de elaboração do signo/enunciado, sobre a sua compreensão ativa e sobre o diálogo como realidade fundante da linguagem, Paula e Luciano (2020) entendem a verbivocovisualidade como constitutiva à linguagem em qualquer que seja sua expressão – até mesmo diante da materialização, em maior ou menor medida, de apenas uma ou duas de suas dimensões – e como potencialidade implícita a ser realizada explicitamente segundo o projeto arquitetônico autoral e genérico realizado. Nas palavras dos autores,

propomos pensar que a relação entre as dimensões ocorre não apenas na materialização de determinadas arquitetônicas, mas também como constituição de uma concepção de linguagem, [...] como todo de sentido, independente da materialidade enunciativa. [...] Brait fixa-se no sentido materializado do/no enunciado a partir da exterioridade das relações dialógicas em determinadas esferas. Por esse viés, para ela, a articulação entre as linguagens aparece sincreticamente quando explicitada materialmente. Nessa compreensão, há um apagamento do jogo exterior e interior que contribui para a construção do sentido que observamos na categoria de compreensão ativa (Paula; Luciano, 2020, p. 30).

Os teóricos também afirmam que as dimensões verbivocovisuais podem irromper à superfície enunciativa mediante pistas. Alguns indícios dessa tridimensionalidade da linguagem que eles mencionam podem verificar-se na charge, como o traço mais forte do pincel, a cor, a tipografia gráfica, a pontuação, o tamanho da letra e a expressão facial. A dimensão vocal, especificamente, se expressa

tanto na oralidade (pela prosódia) quanto na escrita (pela pontuação e negrito, por exemplo), materializada pela entonação constitutiva da verbalidade (como imagem acústica) e pode, a depender do enunciado, configurar-se de maneira visual, pela tipografia que “desenha” uma imagem. Figuras de linguagem (como onomatopeia, assonância e aliteração) concretizam determinada sonoridade (musical ou até mesmo gestual – típica da poesia concreta e da história em quadrinho, por exemplo) e constroem sentidos (Paula; Luciano, 2020, p. 33).

Nos quadrinhos, pode-se citar como exemplo a charge “Chuvas”³, da autoria de Duke. A obra tem como cenário, apresentado todo em preto e branco, um carro preso em um alagamento até a altura de seus faróis. Dentro do veículo, o motorista afirma com semblante irritado: “Não sei o que é pior, se as ruas que sempre alagam, ou o que nossas autoridades sempre alegam!”. Como observado pelos autores no trecho acima, o elemento verbal do enunciado pode desvelar a dimensão sonora. Na charge mencionada, isso ocorre pelo trocadilho vocálico existente na combinação das palavras “alaga” e “alego”, a qual, somada ao ponto de exclamação que finaliza o todo verbal, recobre a charge de uma camada expressiva fônica. Essa, por sua vez, é intrinsecamente convocada junto à visual e verbal na atualização dos sentidos de seu enunciado. A construção figurativa da linguagem verbal e a pontuação unem-se, então, para imprimir à superfície enunciativa da charge evidências da linguagem sonora como terceira dimensão constitutiva desse enunciado, revelando-o como um enunciado integradamente visualizável, legível e audível.

Haja vista os objetivos de pesquisa elencados, escolheu-se operar com a primeira proposta de compreensão da linguagem formada de um todo híbrido, a visão de Brait. Isso por entender que o conceito de dimensão verbo-visual já prevê o papel constitutivo desses planos expressivos do enunciado, sem levantar obstáculos à abordagem da questão sonora, pressuposta na dimensão verbal, invalidando a criação de uma terceira dimensão específica – a vocal. Além disso, nota-se, pelo exposto mais acima, que, ao reconhecer a possibilidade de gradações na realização do verbal e do visual dentro de um projeto discursivo verbo-visual, a teórica dá maior foco à maneira de constituir sentidos do que propriamente à composicionalidade *per se*. Tal caminho parece ser mais interessante, o que indica a não necessidade de se separar nocionalmente as ideias de “dimensão” e “materialidade” como o fazem os autores da noção de verbivocovisualidade.

Adotando-se a chave teórico-analítica da perspectiva verbo-visual aludida, mesmo quando discute acerca de uma materialidade composta predominantemente pela linguagem verbal historicamente privilegiada, o pesquisador abstrai-se do risco de enfrentar a linguagem de uma perspectiva logocêntrica (Paveau, 2021) e, em decorrência, unidimensional. Analogamente ao *iceberg*, do qual apenas as pontas são expostas na superfície, a leitura dos modos de significar da produção em análise demonstrará que a linguagem se revela, na realidade, bipartida em uma face implícita e outra explícita, demandando do analista um olhar atento para os modos de inter-relação entre tais partes na produção de sentidos.

³ Disponível em: <https://www.coladaweb.com/redacao/charge>

Procedimentos metodológicos

Este trabalho segue a abordagem qualitativa de pesquisa e, quanto à finalidade, caracteriza-se como uma análise descritiva (Gil, 2008), por buscar caracterizar a constituição de sentidos no enunciado de uma charge alvo do cancelamento digital. A respeito do procedimento para a coleta dos dados, configura-se como um estudo bibliográfico e documental, na medida em que consultou tanto materiais teóricos quanto uma fonte primária que ainda não foi alvo de tratamento científico, a charge de Jean Galvão sobre as enchentes no Rio Grande do Sul publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*.

Sendo assim, primeiramente, foi realizada a pesquisa bibliográfica, momento em que foram acessadas obras norteadoras para a pesquisa no campo da ADD. Logo, mobilizou-se referenciais teóricos dos autores do Círculo de Bakhtin, como Bakhtin (1997, 2002, 2010) e Volóchinov (2021), bem como a contribuição de alguns de seus intérpretes brasileiros, como Morson e Emerson (2008), Sobral (2009), Cardoso (2013), Queiroz (2017) e Gonçalves (2017).

Na sequência, partiu-se à pesquisa documental. Para tanto, fez-se uma visita à página de *Instagram* do jornal *Folha de São Paulo* (@folhadespaulo) para a coleta da charge censurada na publicação do dia 5 de maio de 2024. Nesse espaço, utilizou-se, como ferramenta de extração da charge, a captura de tela, operacionalizada por um recurso disponível pelo sistema computacional Windows 11, o comando do teclado *Print Screen* (PrtSc). Tendo sido selecionada a opção tela inteira para a fotografia, procedeu-se depois ao recorte preciso da publicação na imagem, contendo a imagem da charge, a legenda e o nome do perfil do jornal *Folha de São Paulo*. Os comentários bem como as informações referentes aos seguidores que curtiram a publicação foram omitidas, em virtude de não serem necessárias ao alcance dos objetivos da pesquisa. Por fim, realizou-se a análise da charge censurada de Jean Galvão.

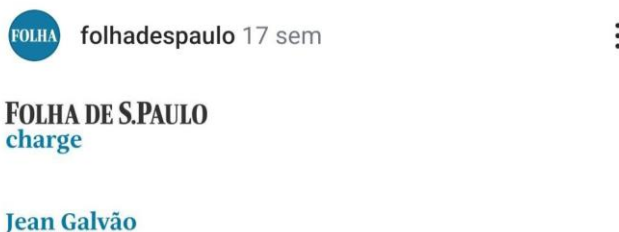
A charge e suas leituras entre o humor maldoso e a solidariedade comovente

O dia 5 de maio de 2024 foi marcado pela superação de marcas históricas, infelizmente não felizes. Nessa data, o nível de água do lago Guaíba, que cerca a região de Porto Alegre, atingia, ainda pela manhã, a altura de 5,30 metros (G1, 2024). Anteriormente, na maior cheia da história do Rio Grande do Sul já registrada, o Guaíba havia chegado à marca dos 4,76 metros de altura. Devido a esse cenário de catástrofe ambiental, com perdas irreparáveis, como a humana, o Governo Federal decretou estado de calamidade pública, ainda no mesmo dia.

Enquanto os resgates aos habitantes dessa região ainda isolados em meio à água, que parecia não dar trégua, estavam sendo feitos e os socorros às vítimas que perderam todos os seus bens estavam sendo prestados pelo Poder Público e pela sociedade civil, a população fora de perigo assistia estarecida aos vídeos e notas divulgadas pela imprensa sobre a tragédia. De um lado, havia pessoas desaparecidas, pessoas localizadas à espera de ajuda e corpos mortos; de outro, pessoas reunidas em um local seguro, mas dependentes de donativos ou separadas de seus familiares, por morte ou pela suspeita dela. Foram criadas muitas contas para recebimento de auxílio financeiro e abertos muitos postos de arrecadação de itens básicos como alimentos, roupas, e produtos de higiene, como aeroportos. De maneira geral, o período foi marcado pela solidariedade coletiva com o povo sul-rio-grandense e pelas notícias envolvendo a realidade dramática, como as atualizações diárias sobre o avanço e a regressão das chuvas na região.

No contexto acima delineado, ocorreu a publicação da matéria do jornal *Folha de São Paulo* com a charge de Jean Galvão. É de se destacar a trajetória consolidada do artista nesse veículo informativo, pois é vinculado ao jornal há 25 anos. A seguir, reproduz-se a postagem tal como ela encontra-se disponível no ambiente da página de *Instagram* da *Folha*.

Imagem 1 - Charge de Jean Galvão publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*



38,8 mil 103 mil

folhadespaulo Esta é a charge de Jean Galvão (@jeangalvao) publicada em todas as plataformas da Folha. Quer ver mais charges no jornal? Acesse folha.com/charges

#PraTodosVerem: A charge mostra uma família, pai, mãe, um menino e uma menina, sobre o telhado de uma casa ilhada pela enchente. A menina, olhando para a correnteza, sentada com os braços abraçando os joelhos, fala ao irmão: "Não chora, vai alagar ainda mais..."

Fonte: @folhadespaulo

Nota-se que, quanto a sua materialidade, a charge de Jean Galvão não possui muitas informações. Assim, não demora muito para o leitor entender de que a obra trata. Inicialmente, chamam a atenção os tons apagados do cenário e dos corpos das figuras humanas referentes a uma família que busca se salvar do alagamento. O tom da água é um caramelo muito pálido, mesclado a tons de bege claro que identificam as oscilações na superfície da inundação, enquanto a mulher, o homem e as duas crianças vestem roupas em tons de branco, bege e azul claros. A família está toda junta e ocupa o centro da cena juntamente a uma casa, sobre cujo telhado buscam proteção contra as águas que ameaçam chegar a cobrir completamente a construção, estando já bem próximas ao topo.

O entorno da casa, completamente dominado pela enchente, preenche todo o espaço cenográfico da charge. Além da ausência de cores vibrantes, fortes, que poderiam remeter à alegria ou à vivacidade, não há céu, nem outras pessoas à vista, as quais poderiam ajudar a família necessitada. Essas duas primeiras características da charge fazem o leitor depreender, pela leitura do desenho artístico, o tamanho da desolação sem precedentes tanto ambiental quanto humana gerada pela grande quantidade de chuvas que atingiu o estado do Rio Grande do Sul.

O telhado da casa é o ponto de cor mais forte de todo o desenho. Está pintado num tom de marrom que, se não é completamente escuro, ainda assim se destaca das tonalidades pastéis dos outros elementos visuais, o que talvez seja um signo do telhado como único ponto de segurança e estabilidade (contrastando com a incerteza e vacilação assustadora de se estar dentro da água) disponível para a família isolada.

Ademais, cada personagem da charge esboça uma ação diferente, ou melhor, um modo diferente de enfrentar o crescimento do volume de água que põe em risco a vida de todos. Salvaguardadas as devidas proporções, é como se Jean Galvão reproduzisse um cenário de guerra, à semelhança da *Guernica* picassiana, no qual se faz nítido, pela justaposição de distintas figuras consternadas ante a iminência de um afogamento, o desespero que parece assumir uma dimensão palpável pela triste verossimilhança da cena artística criada. Nesse sentido, a charge é predominantemente visual, o que não dificulta em nada a sua inteligibilidade. Ocorre o exato contrário: o silêncio da maior parte dos personagens atrai a atenção do leitor para o gesto e, por conseguinte, dá espaço à observação detida, “não perturbada”, da luta da família pela vida.

Na extremidade direita do telhado (esquerda para a visão do leitor), estão as duas crianças, um menino e uma menina, sentadas numa posição alusiva à sensação de frio, pois elas envolvem os joelhos com os braços ao passo que têm os seus olhares voltados para baixo, em direção à altura da água. Dessa forma, as crianças são praticamente idênticas no modo como estão representadas, mas o comentário da menina, única fala da produção, sinaliza uma diferença na percepção do enfrentamento do problema. É justamente essa fala que motivou o infeliz destino da charge de Galvão, quando essa propunha-se honestamente séria.

O trecho verbal, quando lido apressadamente e, por extensão, não suficientemente tensionado com o plano visual da charge, é interpretado como uma piada, uma ironia vergonhosamente zombeteira, pois racionalmente gotas de lágrimas não teriam vazão suficiente para contribuir, de fato, com a piora do alagamento. Por ser tão lógica e intuitiva, esse sentido passou à frente, na compreensão pública, de um sentido mais singelo e, nas palavras do próprio

Jean Galvão, inocente. O autor afirmou no pronunciamento feito na sua página de *Instagram* que deu voz à ingenuidade da menina, à sua compreensão de que cada gota a mais de água seria importante. Ao mesmo tempo, ele afirma ter tentado mostrar que “se esse choro pudesse ser medido, as lágrimas dela seriam muito mais volumosas do que qualquer quantidade de chuva que caiu sobre o Rio Grande do Sul, tamanha a dor que estão passando” (Jean Galvão, 2024).

Concentrando-se no sentido esperado pelo autor – o da inocente compreensão da menina de que não chorar evitaria a piora do alagamento – vê-se que ele está sustentado no plano visual, num diálogo que reforça o que é dito na literalidade. Ao lado das crianças, a mãe está semiajoelhada com o braço esquerdo apoiado na perna direita e o braço direito levantado e estendido à frente, com as mãos abertas num sinal de que está “estudando o tempo” e buscando sentir a possível incidência ou força da chuva. Um pouco mais atrás da mulher, vê-se o homem de costas ao restante da família, com o braço esquerdo levantado próximo à altura dos olhos, num trejeito de estar buscando algum sinal de socorro. O semblante de todas essas figuras é triste.

Ao ligar as peças descritas, depreende-se que as cores claras e pálidas junto às águas que ameaçam cobrir toda a casa e o abatimento dos rostos dos personagens possibilitam a inferência de que as ações dos integrantes da família, dentre as quais está a fala da menina ao seu irmão, não são parte de uma teatralidade burlesca de mau gosto criada por Jean Galvão para desprezar a situação das pessoas afetadas com a rápida elevação do nível dos lagos da região rio-sul-grandense. Antes disso, a charge lança luz, de uma maneira certamente inesperada e por isso mesmo altamente impactante, à vulnerabilidade dos moradores do Rio Grande do Sul, entrecortada pela visão de uma criança sobre o problema. Cabe apontar que Jean Galvão é também autor de livros infantis, como *Sombrinhas*, *Incrível Eu*, *Samuel procura seu chapéu* e *Comigo não, Camaleão!* Logo, a temática infantil é um dos gostos do autor, que, ao escolher a criança como única personagem a falar da charge, tornou-a centro das atenções da produção e, de certa forma, fortaleceu ainda mais o caráter enternecedor da produção. Portanto, a análise da linguagem verbo-visual trouxe à tona a chave para compreender a fraqueza e a força da obra de Jean Galvão.

A fraqueza está no fato de o chargista ter confiado na compreensão do público sobre a sua proposta de adotar um olhar pueril sobre um evento catastrófico e de que essa abordagem não significa o pouco caso com a dor humana alheia. Por sua vez, o público esperou que a charge, como gênero que documenta os fatos socialmente relevantes da contemporaneidade, fosse, de maneira mais simples e direta, apenas uma inquestionável testemunha da trágica enchente que vigorava no Rio Grande do Sul.

A despeito das incompreensões da charge que reincidiram mesmo após as explicações de Jean Galvão, pode-se falar também da força do espírito criativo do autor, porquanto conseguiu realizar, embora de um modo não agradável e planejado, a função da charge. Antes de tudo, esse gênero busca produzir algum tipo de estranhamento pela sua composição, seja anunciado (na abertura ou no final, onde ocorrem os efeitos de sentido conhecidos associados à quebra de expectativa, como o humor, mas não em todos os casos, como visto). A desautomatização da leitura, própria de outros gêneros artísticos, é perseguida com o objetivo de apresentar a realidade conhecida sob um novo enfoque, recriando-a frente ao leitor como forma de alertá-lo, provocá-lo, estimulá-lo a uma ação.

Na situação específica do Rio Grande do Sul, a função da charge de Jean Galvão envolve a conscientização da população sobre a real condição dos moradores da área afetada e a mobilização para a doação, bem como a lembrança das consequências de uma gestão estadual omissa, que não priorizou a criação de medidas de prevenção contra as mudanças climáticas previstas antes da tragédia pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemadem).

Logo, houve o incômodo, a sensibilização, a revolta, o questionamento e, por fim, a tentativa de silenciamento por meio do cancelamento digital de Jean Galvão e do jornal *Folha de São Paulo*, divulgador de seu trabalho. Um ponto importante nessa oposição à charge do autor é o fato de muitos seguidores conhecerem o posicionamento político do produtor, e, a partir disso, buscarem desqualificá-lo profissionalmente e desacreditar a empresa para a qual o artista trabalha. Assumidamente, Jean Galvão é um cartunista de esquerda, o que levou os internautas de direita a deslocar o debate em torno exclusivamente de sua produção para a recuperação de questões referentes ao conflito político-partidário reavivado desde as últimas eleições presidenciais em 2022.

Considerações finais

Este trabalho analisou a charge de Jean Galvão alvo de cancelamento digital publicada pela *Folha de São Paulo* no dia 5 de maio de 2024, dia que registrou o estado de calamidade pública decorrente do alagamento da região do Rio Grande do Sul e da consequente situação de desabrigamento dos moradores. Observou-se que a obra foi incompreendida pelo fato de ter havido uma desassociação, na constituição dos sentidos efetuada durante a leitura, dos planos verbal e visual, diante de um enunciado essencialmente verbo-visual. Ao mesmo tempo,

verificou-se que, apesar da recepção negativa da produção, a charge atingiu o seu propósito de provocar a reflexão pública, ainda que, para a adequada compreensão do projeto enunciativo do produtor, tenha sido necessária a sua explicação por parte do próprio produtor.

Nessa direção, este estudo mostra-se um exemplo de como o cálculo do autor da compreensão de seu enunciado pelo interlocutor nem sempre é certo. O querer-dizer pode encontrar obstáculos para se realizar, dentre eles especialmente o gênero. Jean Galvão precisou lidar com o preconceito social sobre a charge, que a liga sempre ao humor, quando esse nem sempre é o caminho utilizado pelo artista na construção de sua crítica. Assim, espera-se que a pesquisa influencie novos trabalhos que semelhantemente tensionem os elementos do gênero, como a linguagem verbo-visual, a situação extra-verbal e o auditório, pois, como buscou-se mostrar, eles afetam significativamente a produção de sentidos.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução Leci Borges Barbisan, Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BRAIT, Beth. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 43-66, nov. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200004>
- CARDOSO, Daniela. **A dialética nos escritos do círculo de Bakhtin**. 245f. 2013. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2166>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

GONÇALVES, Tamiris Machado. Tá rindo de quê? Debate em torno de charges controversas. **Raído**, [S. l.], v. 11, n. 25, p. 145-159, 2020. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v11i25.5021>

JEAN GALVÃO. **#ajudariograndedosul**. São Paulo, 6 de maio de 2024. Instagram: @jeangalvao. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C6o3lKpRjTG/?igsh=MW83bjRlZWE1eGRxYg%3D%3D&img_index=1. Acesso em: 28 jan. 2025.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: EdUSP, 2008.

NÍVEL do Guaíba tem leve elevação e chega a 4,32 metros em Porto Alegre. **G1**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/20/nivel-do-guaiba-sobe-para-432-metros-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 28 jan. 2025.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 27, n. 49, p. 1-49, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em: 1 ago. 2024.

QUEIROZ, Inti Anny. O conceito de arquetônica na teoria bakhtiniana: uma abordagem historiográfica, filosófica e dialógica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 625-640, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1506>

QUEIROZ, Inti Anny. Arquetônica, relações dialógicas e metalinguística: a base do pensamento bakhtiniano. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 55-78, set./dez. 2020. DOI: [10.11606/issn.2236-4242.v33i3p55-78](https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p55-78)

SALDÃO, Fabíola Maciel. Charge e enunciados-resposta: a contrapalavra rompendo e construindo sentidos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 3, n. 46, p. 866-876, nov. 2017. DOI: <https://dx.doi.org/10.21165/el.v46i3.1532>

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021.

ZILIO, Fabiane Santos Eisele; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Dimensões extraverbal e verbo-visual em charge. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa-PR, v. 11, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/20603>. Acesso em: 28 jan. 2025.

Recebido em: 1 de setembro de 2024

Aceito em: 11 de novembro de 2024